

## A INFORMAÇÃO E O COTIDIANO URBANO

A informação e a comunicação em comunidades urbanas diferenciadas na Cidade do Rio de Janeiro  
MCT/IBICT  
Rio de Janeiro, março 1991

**OBS:** Este texto é um resumo da pesquisa publicada e realizada em **1991**. Não foi considerada a internet. Algumas figuras, quadros e a metodologia aparecem somente no trabalho impresso que pode ser obtido na memória técnica do IBICT com sua Assessoria de Comunicação Social e-mail <pedroanisio@ibict.br> ou na Biblioteca Tel: (61) 217-6360 / 6350 ou Fax: (61) 226-2677

### RESUMO

A pesquisa procura analisar o comportamento da informação e da comunicação em comunidades urbanas diferenciadas. Foi utilizada a Cidade do Rio de Janeiro para o estudo. A Cidade foi estudada considerando-se a existência de pelo menos três comunidades semelhantes, dentro da heterogeneidade urbana do Município do Rio. Foram recolhidos dados sobre o conceito, a transferência e o uso da informação, para cada um destes grupos considerados. Os resultados indicam existir uma diferenciação na conceituação, na aceitação, nos canais e na assimilação da informação em comunidades urbanas diferenciadas.

### ABSTRACT

This study analyses the information and communication behavior in differentiated urban communities. The City of Rio de Janeiro in Brazil was used for the research. It shows the existence of at least three different communities integrating the City. Data on the concept, the transfer and the use of information was collected for each of the three communities. The results show the existence of differentiation in the acceptance the definition and the assimilation of information for diversified urban groups.

### SUMÁRIO

1. Considerações Iniciais
2. Pressupostos Teóricos
3. A Cidade e as Comunidades Urbanas: A Informação e a Comunicação
4. A Formação Urbana no Brasil e a Cidade do Rio de Janeiro
5. O Processo de Trabalho e a Coleta dos Dados
6. O Perfil e o Comportamento Informacional das Comunidades Urbanas da Cidade do Rio de Janeiro
7. A Análise dos parâmetros Relacionados ao Conceito, uso e transferência da informação no Cotidiano Urbano
  - 7.1 - A Análise do Conceito de Informação
  - 7.2 - A Confiança no Canal de Comunicação
  - 7.3 - A Utilização da Informação Via Canais Informais
  - 7.4 - A Utilização e o Valor dos Canais Formais de Transferência da Informação
  - 7.5 - A Informação Impressa e os Hábitos de Leitura
  - 7.6 - A Comunicação da Informação nos Espaços Públicos
  - 7.7 - A Publicidade e o Cotidiano Urbano
8. Considerações Finais
9. Notas e Bibliografia Consultada
10. Anexos

## 1 – CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao se iniciar, este estudo se orientou para a análise da informação em grupos sociais e economicamente diferenciados. Contudo, o desenvolvimento da pesquisa levou-nos pelo acúmulo de dados gerados e pela motivação de toda a equipe envolvida a ampliar a análise e aumentar a abrangência pretendida.

Esta pesquisa procura avaliar o conceito, a transferência e o uso da informação no contexto da cidade, em particular da Cidade do Rio de Janeiro. Entendemos que uma cidade, na era moderna, não é formada por um todo social uniforme, mas por núcleos ou comunidades tão diferenciadas, que a informação adquire nova e distinta aceitação e conceituação. A sua transferência, para que possa ser aceita, deve ser feita por canais diversificados em sua forma e em seu conteúdo. O seu uso se relaciona a possibilidade de acessos diferenciados, a uma disponibilidade de vizinhança e a uma assimilação modificadora do indivíduo e do grupo, que só é conseguida, se esta ASSIMILAÇÃO comunga da solidariedade orgânica afetiva dos objetivos coletivos da comunidade.

A informação, a sua transferência e sua assimilação se(re)ligam, só e somente só, ao considerarmos a existência de um social heterogêneo, onde grupos diversos formam o cotidiano urbano de uma cidade.

Estes pressupostos orientaram o nosso estudo e acreditamos foram confirmados nos resultados encontrados. Alguns esclarecimentos são necessários, nesta fase, para um melhor entendimento do desenvolvimento do trabalho. Dividimos a Cidade do Rio de Janeiro, por razões explicitadas no decorrer da pesquisa, em três micronúcleos sociais.

Estes micronúcleos são formados por bairros, que indicamos e suas adjacências e estamos conscientes dos espaços tangenciais Na aproximação para a pesquisa de campo realizada, utilizamos tanto quanto possível a ajuda das associações de moradores dos bairros indicados.

A informação foi considerada em seu aspecto mais amplo, como sendo científica, técnica, informativa e de lazer. Por diversas vezes utilizamos o conceito de "CANAL DE INFORMAÇÃO", que pode ser entendido também como "CANAL DE COMUNICAÇÃO DA INFORMAÇÃO".

Esta pesquisa pretende, ainda, servir como base teórica experimental de um trabalho mais amplo a ser iniciado em 1991. Neste trabalho pretendemos delinear regiões geo-econômicas, políticas, sociais e culturais, não necessariamente coincidentes com as definidas tradicionalmente para o Brasil, e estudar a sua capacidade de assimilar novas idéias, no campo da tecnologia em seus diferentes níveis de inovação. o que se segue é o relato do que procuramos analisar.

## 2 - PRESSUPOSIÇÕES TEÓRICAS: OBJETIVOS

O conceito, a transferência e o uso da informação tem sido um desafiante objeto de estudo para todos aqueles que observam a informação, enquanto fenômeno modificador e gerador de conhecimento. Pretendemos nessa pesquisa examinar estes tópicos relacionando-os ao ambiente urbano ,ou seja, aos espaços sociais, políticos, econômicos e culturais em que se agregam para formarem a cidade.

Entendemos que estes espaços agregadores do cotidiano urbano são heterogêneos, multidiferenciados em sua estrutura coletiva.

A cidade se especializa em agrupamentos ou comunidades urbanas, caracterizadas por uma solidariedade orgânica e por forte coesão afetiva, baseada no consenso espontâneo dos indivíduos que a formam, em relação a seus objetivos coletivos. A cidade é um mundo feito de grupos humanos que se ignoram, que se encontram por acaso e não se comunicam entre si e que sobrevivem por uma interação de interesses e pressões econômicas pela determinados produção, distribuição e consumo. no interior de cada micromundo, os indivíduos se diferenciam. seu código lingüístico é particionado no espaço coletivo da comunidade. A informação é particularizada em sua geração e decodificação. "Mais do que qualquer coisa uma mensagem é arbitrária e contingente, ao passo que o código é sistemático e compulsório para uma dada comunidade lingüística". "Uma Mensagem é um evento temporal na sucessão de eventos que constituem cotidiano a dimensão diacrônica do tempo. . . " (1) . O tempo no urbano da cidade é o hoje, o aqui e o agora.

Entendemos, assim, que o conceito, a transferência e o uso da informação apresentam características diversas para diferentes comunidades urbanas. Consideramos por conceito a imagem mental e, conseqüentemente, a necessidade vital que o indivíduo ou grupo possui da informação. A transferência da informação, a partir de fontes organizadas e controladas é a colocação desta informação no contexto do indivíduo ou do grupo. Representa o meio ou o canal de comunicação que possibilita o acesso e permite o uso da informação. Julgamos, contudo, que o uso da informação só se efetiva quando se processa a ASSIMILAÇÃO da informação é recebida e aceita como tal.

Unidades, redes e sistemas de informação tem como seu objetivo fundamental, modificar ,desenvolver o contexto social onde atuam. se este benefício não se realiza a informação não cumpre o seu papel e os sistemas de informação não justificam a sua existência. Questionamento, portanto, nesse estudo, a forma como é produzida, disseminada e utilizada a informação. Os grandes produtores e disseminadores de informação operam em um mundo dominado pela técnica e pela competição, perseguindo a produtividade como uma norma de ação e atuação. nesse mundo a realidade é uniforme, é unitária. O contexto urbano é plural e multifacetado.

Procuramos mostrar isto no desenvolvimento desta pesquisa, utilizando a cidade do Rio de Janeiro como o nosso universo de estudo, deduzindo que a absorção e o uso da informação está condicionada a uma capacidade intrínseca de microorganismos sociais que constituem a cidade.

## 3 - A CIDADE, AS COMUNIDADES URBANAS, A INFORMAÇÃO E A COMUNICAÇÃO

Parece não existir um conceito único de cidade. A sua definição se relaciona a estruturas sociais, econômicas e políticas, que se formam dentro de uma perspectiva histórica cumulativa e dentro de um contexto cultural dinâmico. é marcada por uma certa densidade populacional em relação à sua área, e heterogeneidade de seus habitantes e a vida grupal, com maior ou menor predominância de relações sociais primárias ou secundárias. É importante não associar a vida urbana da cidade ao industrialismo e ao capitalismo, sem contudo, deixar de reconhecer estes fatores como fortes determinantes da metrópole moderna. Por diferentes que possam ter sido as cidades de épocas anteriores à pré-industrial e à pré-capitalista, não deixavam contudo, de serem cidades (2). Como ATENAS, a cidade incorpora um estado de espírito, um corpo de costumes, de tradições, sentimentos e atitudes organizadas. Esta organização concentra um conjunto de saberes, regras, normas, prescrições, proibições e permissões, que são conservadas e transferidas através da linguagem (3).

A cidade orienta a distribuição de sua população por uma ordem vocacional de participação no sistema de produção, distribuição e consumo de bens e serviços, que se entrelaçam com uma ordem (ou desordem ?)sociocultural. Nesse sentido, a formação dos grupos urbanos e o planejamento urbano, orientam os espaços sociais diferenciados que denominamos de COMUNIDADES URBANAS.

"A comunidade não é uma simples justaposição de singularidades, situação que consistiria em uma multiplicação de solidões e pobrezas; a comunidade é uma entidade orgânica, uma unidade em si, uma personalidade coletiva, obedecendo a tendências ou leis estruturais que lhe são próprias...II(4). Existe na comunidade uma solidariedade orgânica com objetivos e sentimentos coletivos mais visíveis.

As comunidades urbanas se estruturam em grupos tangenciais, onde predominam certas características relativas aos grupos primários, como o controle social espontâneo, maior instinto ou sentimento de vizinhança, associação e cooperação íntimas e a comunicação face a face.

Apesar desta divisão tangencial, característica da cidade, as comunidades urbanas se diferenciam por fortes elementos como: o nível de educação, o nível de renda, condições de participação na força de trabalho, religião, raça, leitura, aceso e interpretação dos códigos formais de conduta moral e ética, possibilidade de acesso às fontes de informação e aos canais de comunicação, e a codificação e decodificação do lingüístico comum. Esta diferenciação marca a divisão da código cidade em núcleos urbanos coexistindo em diferentes espaços.

A heterogeneidade dos indivíduos que formam o cotidiano da cidade é caracterizada pela predominância de relações do tipo secundário, onde os interesses são distintos, a cooperação é disfarçada por laços de interesse e existe uma marcante teatralização dos papéis sociais exercidos.

Na comunidade predomina o (COM)VIVER e na cidade o VIVER(COM). Nesse contexto citadino, a produção e a transferência da informação obedecem a critérios industriais, orientados por uma racionalidade técnica e urna busca de produtividade, corno a de qualquer segmento industrial competitivo.A informação gerada e disseminada, procura atingir da forma mais eficaz, o maior número de indivíduos, em espaços diferenciados e até mesmo em sua capacidade de decodificar e as similar a informação recebida.

Unidades, redes e sistemas de informação se restringem a formar um "MENOR CONHECIMENTO COMUM" (5) sem atentar para a exigência maior destas entidades, que seria a de modificar a realidade onde atuam.

*"Qualquer ato de conhecimento produz um efeito que vai para além do ato em si" (6).*

#### 4 - A FORMAÇÃO URBANA DO BRASIL E A CIDADE DO RIO DE JANEIRO

A estruturação urbana do Brasil, como em qualquer outro país, não pode ser analisada sem se considerar a formação econômica, a formação social e a formação política do País, dentro do desenvolvimento de uma ambientação cultural que lhe foi específica.

As cidades no Brasil iniciaram a sua formação, a partir do século XVI com os ciclos econômicos, primeiramente no nordeste com o ciclo do açúcar e do algodão, acelerando-se com o ciclo do ouro e do café. Os dois últimos, economicamente mais poderosos, provocaram uma maior evolução urbana no sudeste do Brasil. Como os ciclos econômicos atenderam a interesses manifestados pelo Exterior, as unidades urbanas se relacionaram com a formação da elite agrocomercial de exportação que prevaleceu solitária no País até o início do processo de industrialização, a partir dos anos 30. A ideologia dominante, que prevaleceu até a fase industrial, estava voltada para a agricultura e o comércio exterior, o que em parte explica o desenvolvimento urbano do sudeste, da costa do País e as diferenças regionais hoje existentes. A característica familiar e a localização dos grandes produtores e disseminadores de informação de hoje tem aí também suas raízes.

Apesar de não ser o objetivo deste estudo a análise do processo de formação urbana no Brasil, pois este assunto merece uma pesquisa em separado, esta introdução se faz necessária para localizarmos no espaço e no tempo o objeto de nosso estudo. Historicamente, a Cidade do Rio de Janeiro teve o seu desenvolvimento privilegiado por ter sido o principal porto exportador, a segunda governança geral, o refúgio do Príncipe Regente e sua Corte, ao navio MEDUSA que trouxe a Imprensa Régia, à sede do Império e da República.

O espaço urbano da cidade foi delineado não somente devido às agregações imobiliárias existentes mas, principalmente, devido ao seu conluio com os interesses econômicos e às estruturas de controle social e político que se organizaram no interior da cidade (7) "O processo de transformações espaciais, de continuidade no urbano não é apenas uma dinâmica físico-urbanística mas significa um processo de dominação espacial, uma estratégia de classes" (8).

Os espaços urbanos na Cidade do Rio de Janeiro, foram nitidamente reorganizados para atender a uma ordem econômica e social orientada para a produção, a distribuição e ao consumo de bens e serviços. Na transição da Cidade como pólo comercial exportador, para uma industrialização nascente, reorganizou-se o espaço urbano em grupamentos bem definidos. Procurou-se limpar o centro urbano e as áreas nobres da cidade, do que era considerado indesejável, como aglomerações em habitações coletivas, os cortiços e os tipos arquitetônicos não estéticos. Este processo de "PURIFICAÇÃO" da cidade contou com construção de grandes avenidas para o transporte individual e a consideráveis túneis interligando espaços sociais homogêneos. Aliada a esta ideologia burguesa urbana, o movimento higienista ajudou a promover o "SANEAMENTO" moral e a reestruturação social da Cidade.

Assim os operários, os descamisados, as prostitutas e os loucos seguiram o caminho das Estradas de Ferro Central do Brasil e Leopoldina ou subiram os morros (7,9).

Começava a ser delineada a divisão da Cidade do Rio de Janeiro, em três comunidades, que embora se interseccionem possuem fortes características de homogeneidade, diferenciáveis entre si e que são razoavelmente visíveis até hoje.

O planejamento urbano formal do Município do Rio vem confirmar esta tríplex espacialização, através dos seus principais instrumentos de ordenação urbana: o Plano Agache entre 1926 e 1930, o Plano do Escritório Grego Doxiadis em 1965, e o Plano Urbanístico Básico da Cidade do Rio de Janeiro PUB-Rio em 1977 (10).

Alfred H.D. Agache, urbanista francês, elabora com técnicos estrangeiros o primeiro plano diretor para a cidade. Basicamente o plano enfoca três funções: a circulação, a digestão e a respiração. Os espaços livres, as avenidas, praças e jardins representam o sistema respiratório; o sistema viário e a circulação da cidade e a rede de esgotos e saneamento o sistema digestivo. O plano pretende assegurar a existência de elementos funcionais, zonas, e reparti-los em função da política, administração pública, e da economia, como o porto e o mercado comercial e industrial. Na Figura 1 reproduzimos a estrutura urbana do Plano Agache, podendo-se notar uma zona litorânea residencial, uma zona central comercial e bairros operários em uma zona oeste.

O Plano executado pela firma grega Doxiadis Associates, pretende o desenvolvimento do então Estado da Guanabara. O plano, em si, reafirma a divisão da cidade nos núcleos urbanos já indicados, mas indica de forma clara, que o modelo ideal da cidade seria dividi-la em comunidades hierarquizadas, de acordo com as suas funções sócio-econômicas.

O PUB-Rio, Plano Urbanístico do Rio com técnicos brasileiros. Representa uma seios desenvolvimentistas do governo federal. O Município é dividido em seis áreas de planejamento (AP), com Características diversas, sendo o seu objetivo imediato, criar uma estrutura espacial que permita o desenvolvimento municipal. Entre as suas metas básicas afirma:

*"...aumentar a eficiência das estruturas que abrigam as diferentes funções urbanas e atividades de produção" (10).*

Examinando a estrutura urbana do PUB-Rio e suas áreas de planejamento (AP) , nota-se a preocupação com a distribuição do espaço em uma zona de consumo, uma zona de comercialização e uma zona de produção.

A evolução urbana do Município do Rio de Janeiro e seus planos diretores se orientam para uma estruturação da Cidade em comunidades diferenciadas. Ao acrescentarmos a este fato a análise de indicadores estatísticos sociais e econômicos para a Cidade do Rio, diagramada na Figura 4, tais como:

1. POPULAÇÃO: sexo, religião, cor e população economicamente ativa;
2. RENDA: nível de renda e sua distribuição;
3. EDUCAÇÃO: escolas, vagas, alunos;
4. SAÚDE: hospitais, leitos, preocupação com a saúde;
5. FORÇA DE TRABALHO: qualificação, treinamento, tipo de participação na força de trabalho;
6. ATUAÇÃO DO ESTADO: sua participação, número de Regiões Administrativas;
7. PARTICIPAÇÃO POLÍTICA: a forma e a força de sua atuação na formação da sociedade civil;

8. INFORMAÇÃO: acesso e atitude em relação às fontes de informação e aos canais de comunicação;  
 9. URBANIZAÇÃO: número de domicílios urbanos, água, luz, saneamento e transporte;  
 10. LAZER: quantidade de horas e qualidade do lazer da força ;

Toda esta conjunção de parâmetros nos permite, para efeito do nosso estudo, dividir a Cidade do Rio de Janeiro em três micronúcleos urbanos, tangenciais, mais diferenciados em que hoje se divide o Município. Estes micronúcleos estão indicados no Quadro 1 e na Figura 5. A semelhança dos indicadores estatísticos levantados e o extenso trabalho de modificação na topologia da Cidade, com seus túneis e avenidas, justificam a inclusão da Tijuca e Grajaú no nosso micronúcleo 1.

É importante lembrar, nesta fase do trabalho, que o Município do Rio é um dos maiores produtores e disseminadores de informação, de todos os tipos, no Brasil.

A forma como comunidades diferenciadas social, econômica a culturalmente, conceituam, aceitam, usam e necessitam da informação, foi o estudo que pretendemos realizar, e que iremos expor a seguir.

## QUADRO 1

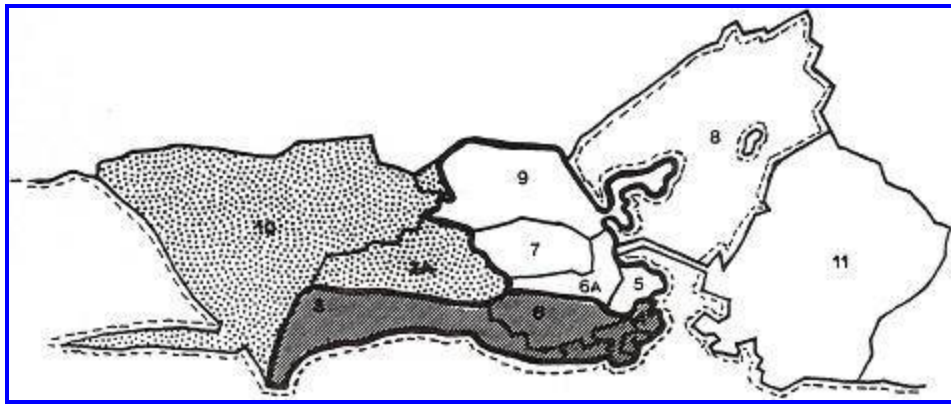
### COMUNICAÇÃO E CONTEXTO SOCIAL: A INFORMAÇÃO EM COMUNIDADES URBANAS

#### AGREGADOS SOCIAIS

MICRONÚCLEOS	I	LOCALIZAÇÃO ESPACIAL	LOCALIZAÇÃO NO DIAGRAMA
Núcleo I		Copacabana	1
		Leme	1
		Ipanema	2
		Leblon	2
		Barra	3
		Flamengo	4
		Botafogo	4
		Tijuca	6
		Grajaú	6
		Centro	5
		São Cristóvão	6A
		Ilha do Governador	8
		Méier	7
	Núcleo II		Cascadura
		Del Castilho	7
		Madureira	9
		Penha	10
		Bonsucesso	10
		Santa Cruz	10
Núcleo III		Campo Grande	10
		Bangu	10
		Jacarepagua	3A

### INFORMAÇÃO E A COMUNICAÇÃO EM COMUNIDADES URBANAS

**FIGURA 5**  
 DIAGRAMA DA DISTRIBUIÇÃO DOS MICRONÚCLEOS SOCIAIS



Micronúcleo 1 - tracejado  
 Micronúcleo 2 - branco, exceto 11  
 Micronúcleo 3 - pontilhado

**LOCAIS:**

1. COPACABANA, LEME
2. IPANEMA, LEBLON
3. BARRA DA TIJUCA, JACAREPAGUÁ (3A)
4. FLAMENGO, BOTAFOGO
5. CENTRO
6. TIJUCA, GRAJAÚ, SÃO CRISTÓVÃO (6A)
7. MÉIER, CASCADURA, DEL CASTILHO
8. ILHA DO GOVERNADOR
9. MADUREIRA, PENHA, BONSUCESSO
10. BANGU, CAMPO GRANDE, SANTA CRUZ
11. NITERÓI, SÃO GONÇALO

## 5 - O PROCESSO DE TRABALHO E A COLETA DE DADOS

Esta pesquisa foi elaborada em vinte e quatro meses. Contou com o apoio financeiro do CNPq e bolsistas, também do CNPq, que participaram de todos os estágios do trabalho, desde o planejamento de coleta de dados até a colaboração na redação dos resultados parciais e finais.

Os primeiros oito meses do estudo foram despendido informando à equipe do que se pretendia com a pesquisa e com a extensa coleta de dados que se seguiria. Os dados foram coleta dos em fontes primárias e secundárias. Foram contatadas praticamente todas as Secretarias Municipais do Governo, as Regiões Administrativas e alguns órgãos do Governo Federal. Estatísticas secundárias foram recolhidas no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas - IBGE e na publicação de referência (II).

As principais fontes de levantamento dos dados primários se encontram indicadas no Anexo 1.

Após o recolhimento, estes dados foram filtrados, analisados, reunidos e trabalhados. Tanto quanto possível, os dados coletados foram agrupados por Região Administrativa do Município do Rio de Janeiro (Anexo 2). Todos os dados primários e secundários foram "relativizados" e transformados em "indicadores estatísticos", com validade mais abrangente em relação ao tempo e ao espaço. Elaborou-se para a pesquisa um instrumental próprio de tabulação de dados e de construção de indicadores (Anexo 3).

A partir da agregação destes indicadores, por micro núcleos sociais, foi intuída a divisão da Cidade nas três comunidades a que se referem o Quadro 1 e a Figura 5 da Seção 4 do presente Relatório.

A pesquisa que procurou comprovar os nossos pressupostos iniciais foi realizada em uma segunda fase com entrevistas estruturadas e gravadas em fita cassete. Para as entrevistas foram elaborados inicialmente três questionários, que após um pre-teste foi condensado no nosso questionário de trabalho, apresentado no Anexo 4.

Foi grande a nossa preocupação com a linguagem utilizada para as perguntas, devido à diferenciação dos indivíduos aos quais queríamos entrevistar. Optamos por uma linguagem bastante simples e por perguntas abertas que, tanto quanto possível, não induzissem a respostas. Vale lembrar que o questionário funcionou mais como um roteiro comum, dando-se mais ênfase à entrevista que dele resultava.

Foram realizadas 164 entrevistas nos três micronúcleos considerados. Quarenta entrevistas no micronúcleo 1, setenta no micronúcleo 2 e cinquenta e quatro no micronúcleo 3. As entrevistas representaram, em média, uma hora de conversa gravada. Nossos dados envolveram, portanto, uma boa parte de indicações qualitativas.

No micronúcleo 2, em que realizamos setenta entrevistas, dirigimos cerca de cinquenta para a COMUNIDADE DA MARÉ, uma comunidade carente, ex-favela, localizada quase no centro da Cidade do Rio e ao lado do Campus principal da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, uma das maiores Universidades do País.

Como a nossa intenção era a de estudar comportamento de grupos diferenciados, em relação aos seus hábitos e usos da informação, a COMUNIDADE DA MARÉ oferecia um excelente potencial para a análise do papel da informação e da comunicação como modificadores de estruturas sócio culturais.

Todos os dados levantados na pesquisa de campo foram então tabulados, reunidos, analisados e agrupados, para cada micronúcleo, em sete itens

relacionados ao interesse da nossa pesquisa, conforme indicado abaixo:

1. A ANÁLISE DO CONCEITO DE INFORMAÇÃO
2. A CONFIANÇA NO CANAL DE INFORMAÇÃO
3. A UTILIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO VIA CANAIS INFORMAIS
4. A UTILIZAÇÃO E O VALOR DOS CANAIS FORMAIS DE TRANSFERÊNCIA DA INFORMAÇÃO
5. A INFORMAÇÃO IMPRESSA E OS HÁBITOS DE LEITURA
6. OS ESPAÇOS PÚBLICOS DE COMUNICAÇÃO DA INFORMAÇÃO
7. A PUBLICIDADE E O COTIDIANO URBANO

Na parte 6 deste estudo tentamos agregar todos estes dados e construir um "PERFIL DE IDENTIFICAÇÃO E COMPORTAMENTO INFORMACIONAL" para cada um dos micronúcleos e na parte 7, examinamos separadamente cada um dos itens listados acima.

## 7 - A ANÁLISE DOS PARÂMETROS RELACIONADOS AO CONCEITO, A TRANSFERÊNCIA E AO USO DA INFORMAÇÃO NO COTIDIANO URBANO

Nesta parte do estudo pretendemos analisar, separadamente, mas em relação aos micronúcleos que definimos, os aspectos referentes a:

- Análise do Conceito de Informação;
- Confiança no Canal de Comunicação;
- Utilização da Informação Via Canais Informais;
- Utilização e o Valor dos Canais Formais de Transferência da Informação;
- Informação Impressa e os Hábitos de Leitura;
- Espaços Públicos de Comunicação da Informação;
- Publicidade e o Cotidiano Urbano.

### 7.1.- A ANÁLISE DO CONCEITO DE INFORMAÇÃO

Procuramos associar neste item a relação entre um determinado canal de informação e o seu potencial de informação, na opinião dos diferentes grupos urbanos nos quais dividimos a Cidade do Rio de Janeiro.

Durante a entrevista não foi perguntado de forma direta o conceito ou a definição de informação, ou até mesmo a sua relação com os diferentes canais. Procurou-se, ainda, evitar no questionário base, perguntas que contivessem a palavra informação que só foi colocada de uma forma que permitia uma resposta aberta e com opções, na última questão. A formulação das perguntas que conduzia à entrevista deve ser referida ao Anexo 4, para qualquer dúvida.

Na pergunta sobre informação, o respondente poderia assinalar e comentar uma ou todas as opções que indicávamos, podendo acrescentar outras opções caso desejasse.

Em nossa tabulação, percentualizamos a frequência com que cada micronúcleo assinalou determinado canal de informação. A seguir ordenamos os possíveis canais a partir de sua "Visibilidade formal", em relação ao seu conteúdo informativo, iniciando com a biblioteca e finalizando com a publicidade.

Os resultados desta análise estão indicados no Quadro 2 onde diagramamos para cada micronúcleo o seu conceito potencial de informação.

Nota-se que o micronúcleo 1 tem um comportamento mais estável em relação ao conceito de informação, contrastando com as diferentes frequências dos demais micronúcleos.

Vale notar, ainda, que o micronúcleo 1, formado pela zona de maior poder aquisitivo e de maiores possibilidades culturais, concede baixo valor de uso para a informação contida em BIBLIOTECAS, documentos oficiais, teatro e cinema.

Também, no Quadro 2, é observável como os demais núcleos valorizam os documentos oficiais(16) e a publicidade. E como todos os micronúcleos atribuem baixo valor informativo aos programas de lazer, do rádio, da televisão e as novelas em geral. O jornal diário possui alto valor de uso, como material de conteúdo informativo.

De todo o material analisado, podemos indicar alguns pontos que nos parecem importantes:

#### QUADRO 2 - Conceito de Informação Associado a Possíveis Canais.

CANAIS	FREQUÊNCIA DE INDICAÇÃO			COMUNIDADE DA MARÉ
	NÚCLEO 1 Zona Sul	NÚCLEO 2 Z. Central e Norte	NÚCLEO 3 Zona Oeste	
Biblioteca	6,8	7,5	6,0	6,6
Livraria	7,7	8,4	7,5	7,2
Banca de Jornal - Livro	7,5	8,4	8,3	7,8
Documento Oficial	5,3	7,9	8,3	7,0

Revista	7,9	8,0	7,3	6,2
Jornal	8,3	8,9	8,4	9,2
Radio: programa de Lazer	6,4	3,7	6,5	4,6
Rádio: Notícia	6,2	8,9	5,0	7,8
TV: Lazer	5,6	2,8	4,5	5,8
TV: Notícia	8,1	8,4	7,7	9,2
TV: Documentário	8,1	8,4	8,7	8,8
TV: Novela	4,2	2,3	2,8	4,2
Teatro	5,6	4,7	4,5	4,0
Cinema	5,6	3,7	5,4	2,4
Publicidade	6,4	7,5	8,1	8,6

Fonte: Pesquisa de Campo.

- a) - O conceito de informação é variável em relação ao canal que o transporta;  
 b) - O conceito de informação modifica-se para os diferentes agrupamentos urbanos em que se divide a Cidade;  
 c) - Não existe, em qualquer dos núcleos uma distinção clara entre os conceitos de informação : como a substância representativa dos fatos e idéias da realidade; de canal: como o instrumento responsável pelo processo de transferência da informação; e o produto final: como sendo conhecimento, representado pela informação recebida e aceita como tal.

## 7.2 - A CONFIANÇA NO CANAL DE INFORMAÇÃO

Verifica-se que a aceitação de um determinado canal como sendo um potencial transferidor de informação não se concretiza, necessariamente, com a aceitação desta informação como sendo verdadeira, sincera ou confiável. Encontramos casos em que determinado grupo aceita como informação o conteúdo da mensagem de determinado canal, acessa este canal com relativa frequência, mas não valoriza o canal como disseminando informação confiável ou de utilidade para o grupo. Assim, o conceito de informação não está diretamente relacionado com a aceitação, absorção ou assimilação desta informação como sendo verdadeira, confiável ou de utilidade potencial.

A questão sobre a confiança no canal, a de numero 11 no Anexo 4, foi colocada, também em aberto, podendo ser ampliada e assinalada em várias opções. Conjugou-se o lado quantitativo da pergunta com algumas horas de comentários qualitativos. No Quadro 3 pode ser vista a comparação entre os micronúcleos 1, 2 e 3 e a Comunidade da Maré. Para cada núcleo os números indicados na Tabela, representam a frequência de indicação em relação à frequência total do item. O Quadro é auto-explicativo. A coluna (M) significa muita confiança no canal, e a coluna (P/N) significa pouca ou nenhuma.

A análise dos dados nos permite pressentir que a pouca confiança existente para os canais de informação se deve, principalmente, a três fatores:

- A informação disseminada pelos canais procura atingir a um MAIOR PÚBLICO COMUM, dentro de uma realidade diferenciada;
- Esta realidade diferenciada decodifica, também, de forma diferenciada a informação transferida pelos canais de informação;
- A comunidade urbana vive o hoje, o aqui e o agora e, assim, prioriza em termos de valor de uso as informações sobre o seu cotidiano, de utilidade visível e imediata.

### QUADRO 3 - Confiança no Canal de Informação.

C A N A L	FREQUENCIA DE INDICAÇÃO						- % -	
	NÚCLEO 1		NÚCLEO 2		NÚCLEO 3		COMUNIDADE DA MARÉ	
	M	P/N	M	P/N	M	P/N	M	P/N
Jornal	15,3	10,7	9,5	13,0	9,2	13,0	8,4	12,9
Revista	5,1	14,0	6,3	14,0	8,1	12,6	3,9	11,2
Rádio	11,2	12,4	11,1	10,0	8,1	13,3	7,3	15,4
Televisão	11,2	13,9	11,1	10,0	7,6	14,1	12,9	11,2

Escola	10,2	11,3	17,5	7,4	12,5	10,1	21,3	3,7
Igreja	8,2	12,4	9,5	13,0	15,2	8,3	19,1	5,8
Associação Moradores	15,3	10,2	12,7	10,0	13,0	9,0	10,1	12,9
Líder Comunitário	5,1	8,1	11,1	11,1	10,3	10,8	9,5	12,5
Amigos	18,4	7,0	11,1	11,1	15,8	8,7	7,3	14,2

Fonte: Pesquisa de Campo.

### 7.3 - A INFORMAÇÃO VIA CANAIS INFORMAIS DE INFORMAÇÃO

A conversa informal permite uma considerável troca de informações consentidas mutuamente.

No Quadro 4 procuramos indicar a tabulação do percentual de frequência das respostas, que encontramos para este tópico, e para cada micronúcleo estudado. Merece destaque o conceito de vizinhança, que se associado com a troca de informações através da conversa informal, de casa em casa, só não se manifesta com muito vigor, no micronúcleo 1, onde cada vez mais se perde a solidariedade e afetividade coletiva. No micronúcleo 1, a habitação é o castelo de seus moradores, cercado de "fossos", "pontes levadiças", e tantas trancas quanto possível. O vizinho do lado pode ser um inimigo indesejável.

A solidariedade afetiva das conversas informais, de casa em casa, é bastante comum nos demais segmentos estudados. No núcleo 1 a conversa informal existe sim, mas em ambientes extramuros: na praia, na academia de ginástica, na fila do Banco e na sede do Partido Político.

A comunidade do núcleo 2 se utiliza da conversa informal, para troca de informações, de casa em casa, no comércio 10 cal, nos ambientes de trabalho, concretizando-a até mesmo através de folhetos de fabricação própria.

A comunidade do núcleo 3 reconhece a utilidade desta troca de informação e a localiza, de preferência, no trabalho na escola, na igreja e nos espaços ocupados pelo jogo da esquina.

O agrupamento da Maré atua, mas restringe um pouco, esta troca de informações pessoa a pessoa, ou pelo menos não declara isto explicitamente. Falar muito nesses espaços pode provocar acidentes indesejáveis. Contudo, declaram existir a conversa de casa em casa, na calçada, na igreja, no futebol e o auto-falante divulga as notícias do dia-a-dia.

Verificamos que a comunicação de interesse para o cotidiano específico de cada grupo urbano utiliza, com razoável intensidade, a troca de informações por vias informais.

#### QUADRO 4 - Troca de Informações Através de Canais Informais.

CANAIS INFORMAIS	FREQUÊNCIA DE INDICAÇÕES:		PERCENTUAL S/TOTAL	
	NÚCLEO 1 ZONA SUL Tijuca-Grajaú	NÚCLEO 2 ZONA CENTRAL e NORTE	NÚCLEO 3 ZONA OESTE e Jacarepaguá	COMUNIDADE DA MARÉ
Autofalante no Local	1,5	4,8	2,7	12,3
De casa em casa	4,8	23,8	11,9	22,8
Comércio Local (Bar, Padaria, Mercado, etc)	M: MUITA P/N: POUCA OU NENHUMA 17,5	28,6	16,5	13,1
Conversa Informal	46,0	26,0	37,6	25,4
Associação de Moradores	14,2	7,9	10,1	11,4
O U T R O S	15,8	7,9	21,1	14,9
	Partido Político Fila do Banco Academia de Ginástica Praia	Trabalho Panfletagem	Igreja Bicheiro Escola Trabalho	Igreja Futebol Calçada

Fonte: Pesquisa de Campo.

### 7.4 - A UTILIZAÇÃO E O VALOR DA INFORMAÇÃO VIA CANAIS FORMAIS DE DISSEMINAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Ao analisar as perguntas que reunimos no Quadro 5, pretendemos verificar a aceitação dos grupos estudados para com os canais de informação, e a aceitação do conteúdo das mensagens divulgadas por estes canais.

Todas as comunidades reconhecem a IMPORTÂNCIA dos canais de informação. Porém, conferem a estes um valor sem grande convicção ou visibilidade. Pensamos tratar-se de um valor intuitivo, associado a um modismo cultural de comunicação de "massa".

Quando tentamos identificar a importância atribuída ao canal de informação e o valor de uso da informação, o potencial utilidade desta informação, começa a instalar-se a dúvida em relação à importância indicada inicialmente.

As principais qualidades atribuídas aos canais de informação foram identificadas como sendo: a de atualização da conhecimentos, integração do grupo, aprimoramento cultural e possibilidade de lazer. Mas as críticas a estes mesmos canais se identificaram como sendo: a falta de credibilidade, a falta de sinceridade, a falta de objetividade, dispersão na abrangência e pouco especificidade das mensagens.

Procuramos testar a preferência por um canal impresso e tradicional como o jornal diário e um canal de acesso mais direto como a televisão. A pergunta foi, também, deixada em aberto para evitar a indução nas respostas, e o que indicamos no Quadro 5 é o percentual de respostas somente para estes dois canais.

Parece haver um equilíbrio, até mesmo com certa preferência pelo jornal nos micronúcleos 1 e 2 e uma clara preferência pela televisão na comunidade da Maré.

Tentamos, então, identificar o porque da maior utilidade atribuída ao jornal. A tabulação qualitativa que apresentamos no Quadro 5, e nos demais quadros, procurou harmonizar um padrão mínimo para as respostas, sem deturpar a intenção dos entrevistados.

Assim, para o jornal diário o HABITO foi uma constante em todas as comunidades. Seguiu-se a facilidade de ACESSO entendida como baixo custo, a existência de assinatura do jornal feita pelo entrevistado ou o seu vizinho, a linguagem e a facilidade de leitura.

Os noticiários de televisão apresentam maior diversidade de interesse e utilidade em relação aos grupos urbanos analisados. Os assuntos variam de política, economia e esporte para atualidades sociais, valores morais, horóscopo e os obituários.

O valor atribuído à informação em geral, também foi sondado. Existe, como já foi assinalado, uma nítida confusão entre a informação e o canal que a transfere em todas as camadas e setores urbanos estudados.

A informação não é pensada como um possível agente modificador da realidade existente. O seu valor como agente inovador e promotor de desenvolvimento, em contextos sociais específicos, não é claramente percebido nos grupos estudados.

## 7.5 - A INFORMAÇÃO IMPRESSA E OS HÁBITOS DE LEITURA

Procuramos com o conjunto de perguntas delinear o acesso e o uso das diferentes pessoas, para o material impresso de divulgação menos dinâmica, como o livro, folhetos, revistas de interesse geral e específico. Procurou-se, ainda, avaliar a utilidade deste material e das instituições que os mantêm no cotidiano da vida da cidade.

Todos os micronúcleos declararam o costume de utilizar este tipo de material informativo. O grupo 1, possui uma noção mais nítida do valor de uso deste material e o relaciona, não só com a sua vida cotidiana, mas dentro de uma visão mais ampla de compreensão do mundo. Estes dados estão indicados no Quadro 6 nas colunas relacionadas ao tipo de assunto lido e a posse do material em acervo próprio. No micronúcleo 1, 30% das pessoas entrevistadas nunca entraram em uma BIBLIOTECA, de qualquer natureza. Os que a visitaram o fizeram com propósitos bem definidos.

Os micronúcleos 2 e 3 e a Comunidade da Maré, direcionam claramente o tipo e o assunto do material impresso, lido ou em sua posse, para o atendimento de uma necessidade de sua vida cotidiana. Nesses grupos a visita à Biblioteca indica razões econômicas, como a de evitar a compra de livros, objeto de consumo de elevado custo.

A distribuição de livros através da BANCA DE JORNAL é uma opção econômica e de acesso, de que se valem todos os núcleos considerados.

Surpreendeu-nos a baixa utilização das BIBLIOTECAS com seus enormes acervos estáticos, todo o seu trabalho de organização e controle da informação para facilitar o acesso. É um enorme custo, pago por uma comunidade que não a utiliza, e quando o faz, pode ser por "curiosidade" ou para "passear". Não se trata de falta de confiança neste canal de informação. Livros em bibliotecas foram apontados por todos os grupos com elevado teor de confiança e de conteúdo de informação.

Contudo, isto não é o suficiente para conferir-lhes um PÚBLICO efetivo. O problema, na opinião de quem escreve, é de ACESSO. Não tanto físico quanto psicológico. A biblioteca, enquanto templo do saber, encastelou-se como catedrais medievais de acesso privilegiado e amedrontador: refugiaram em um instrumental de proteção e saudade. E, "A saudade é o que faz as coisas pararem no Tempo" (18).

Porém, como o poeta, acredito que:

***"Um dia veio uma peste e acabou com Toda a vida na face da terra: Em compensação ficaram as BIBLIOTECAS... E nelas estava meticulosamente escrito o nome de todas as coisas!" (18)***

## 7.6 - A TRANSFERÊNCIA DA INFORMAÇÃO NOS ESPAÇOS PÚBLICOS

As comunidades analisadas reconhecem a possibilidade de existir uma troca de informações em locais públicos, conforme indicamos em nosso Quadro 7, que resume as observações feitas sobre este tópico. Porém, o local público se, aceito como um canal de informação, tem a sua utilidade questionada por alguns grupos.

Verifica-se, com certa clareza, que quando usado para interações informacionais, o espaço público se destina, principalmente, para transferir e receber informações sobre a vida cotidiana da Cidade.

A importância da sociedade civil organizada como um canal de comunicação de acontecimentos de interesse coletivo parece ter sido percebido pelos entrevistados. O conceito de associativismo é mais formalizado no micronúcleo 1. Nos demais grupos o associativismo é considerado como sendo qualquer reunião do grupo, embora sem um estatuto formal, mas com um interesse coletivo de lazer, consumo, religião ou esporte.

## QUADRO 7 - A Comunicação da Informação nos Espaços Públicos.

NÚCELOS/ OPÇÕES	EXISTE TROCA INFORMAÇÃO ESPAÇO PÚBLICO (SIM %)	ESTA TROCA É ÚTIL PARA A COMUNIDADE (SIM %)	CONTEÚDO DAS MENSAGENS TROCADAS	CONSIDERA IMPORTANTE PERTENCER A ALGUM TIPO DE ASSOCIAÇÃO (SIM %)	TIPO INDICADO DE ASSOCIATIVISMO
NÚCLEO1	82	60	Interesse da comunidade Cotidiano urbano Política Assuntos de Família	52	Associação de Moradores Partido Político Igreja Associação Artística
NÚCLEO2	55	60	Futebol Política Criminalidade Cotidiano da Comunidade música Educação: Escolas	70	Associação de Moradores Partido Político Igreja Associação Artística
NÚCLEO3	84	75	Religião Cotidiano da Comunidade Esporte Mercado de Trabalho Educação: Escolas Economia Transporte Urbano Partido Político	70	Associação dos Moradores Igreja Capoeira Clube Festas Públicas Movimento Negro Bar Escola Playground
COMUNIDADE DA MARÉ	75	53	Cotidiano da Comunidade Esporte Água e Luz locais Família Escola Política Economia	52	A Rua Festas: Forró Bloco/Escola de Samba Bar Clube Igreja Time de Futebol Casa dos Moradores Partido Político Associação dos Moradores

## 7.7 - A PUBLICIDADE E O COTIDIANO URBANO

A publicidade considerada em seu sentido mais amplo como sendo o uso público da razão, o processo crítico em que as pessoas privadas raciocinam em comum ou a forma de tornar pública uma idéia, um fato, ou um objeto, pode tornar-se um poderoso canal de informação.

É considerável o seu poder de convencimento, que se bem utilizado, transcende o seu objetivo consumista e de disputa de mercado. Nesse sentido procuramos analisar como os diferentes micronúcleos aceitam a publicidade ou são afetados por ela.

A IMPORTÂNCIA da publicidade, no cotidiano urbano, como geradora de informação é reconhecida em todas as comunidades. Contudo, ao relacionarmos a informação aos canais formais e informais aparece uma variação em seu valor de uso nos diferentes grupos.

A importância da publicidade parece ser entendida por todos os grupos, como uma técnica relacionada ao aspecto prático de conquista de mercado e venda de produto.

Algumas vezes, porém, o conteúdo de verdade da mensagem é contestado. As se tentar estabelecer, para as diferentes comunidades o poder de convencimento da publicidade em mudar hábitos e atitudes pessoais, não foi possível identificar um consenso favorável nesse sentido.

Não foi possível estabelecer nitidamente, também, como a publicidade modifica hábitos e atitudes pessoais. As respostas tanto podem se identificar com o CONCEITO de simples instrumental de vendas.

Porém, ficou-nos a intuição de que as diferentes comunidades, os diferentes grupos sociais, têm uma idéia visível do papel e do potencial da publicidade, seja em seus aspectos mais nobres ou em seus ideais mais mesquinhos.

## 8 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A quantidade de dados quantitativos e qualitativos apresentados neste estudo permitirá a cada leitor tirar as suas próprias conclusões e em diferentes direções. Não pretendemos, assim, fechar este trabalho com conclusões últimas e definitivas.

Entretanto, é importante *religarmos* os conceitos e considerações que orientaram nossa pesquisa, delineando algumas considerações:

a) - toda cidade é formada por um conjunto de núcleos diferenciados social, econômica e culturalmente, onde a informação só é aceita se forem observados os seus condicionantes específicos, relacionados aos seus hábitos e costumes coletivos, dentro de um ritual de vizinhança que lhes é próprio;

b) - a geração e a transferência de informação, quando baseada em critérios de racionalidade técnica, competitividade e produtividade quantitativa, não atingem os benefícios de modificar pelo desenvolvimento, as realidades onde atuam. Da forma como estão operando os canais de comunicação se direcionam para formar um *menor conhecimento comum*, que atinge a realidade urbana unicamente de forma seccional; tangencia **parte** dos diferentes núcleos em que se divide a cidade;

c) - as comunidades urbanas privilegiam as informações sobre o cotidiano em que vivem. Para que a informação provoque um *EFEITO INOVADOR* deve ser respeitada esta relação da comunidade com o seu cotidiano;

d) - a disponibilidade de informação não representa possibilidade de acesso ou condição de uso desta informação. O canal de transferência deve ser confiável e o formato da estrutura, onde esta informação se encontra disponível, não pode criar barreiras de caráter econômico, social ou psicológico para o receptor;

e) - unidades, redes e sistemas de informação e comunicação não devem ser estruturados operacionalmente segundo um critério geral. Devem adaptar-se aos espaços sociais diferenciados, onde pretendem atuar.

É sempre importante lembrar que produzir informação não significa, necessariamente, produzir conhecimento. Mas é a partir da informação que o conhecimento pode ser gerado. Este é o fim último de todos aqueles que, de alguma maneira lidam com a palavra, a linguagem, o documento e a documentação. A responsabilidade é muito grande, e nem sempre o FIM justifica os "MEIOS" (de comunicação).

## 9. NOTAS E BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- 1 - RICOEUR, P. - Teoria da Interpretação, Lisboa, Edição 70, 1976.
- 2 - WIRTH, L. - O Urbanismo como Modo de Vida, em O Fenômeno Urbano, 1987. (Velho, O.G. - Org.), Rio de Janeiro, Guanabara.
- 3 - MORIN, E. - Para urna Sociologia do Conhecimento, Sociologia, RJ, (6) :135-146,1989.
- 4 - MAFFESOLI, M. - A Conquista do Presente, Rocco, 1984.
- 5 - BAUDRILLARD, J. - A Sombra das Maiorias Silenciosas, 2 Edição, São Paulo, Brasiliense, 1990. Nota: Baudrillard referência neste livro à Menor Cultura Comum. faz
- 6 - WOJCIECHOWSKI, citado em (3).
- 7 - DIAS COELHO, F. - História Urbana e Movimentos Sociais, Cadernos da PUR/UFRJ, Rio de Janeiro, 1, (1) :73-89,1989.
- 8 - LEVEBvre, H. - citado em (7).
- 9 - ADORNO, S. - A Gestão Filantrópica da Pobreza Urbana, SAEDE, São Paulo em Perspectiva, !' (2) :9-17, 1990.
- 10 - REZENDE, Vera - Planejamento Urbano e Ideologia, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1982. Nota : A descrição dos Planos para a Cidade do Rio de Janeiro e os seus Mapas foram elaborados a partir deste trabalho.
- 11 - CIDE - GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Anuário Estatístico do Estado do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, CIDE, 1988.
- 12 - Jornal do Brasil, 1Q Caderno, Economia e Política, Rio de Janeiro, 22.8.90, pp. 4.
- 13 - RODRIGUES, C. - Recessão Vai Piorar a Miséria ..., Jornal do Brasil, 1Q Caderno, Política e Economia, Rio de Janeiro, 1Q.12.90, pp. 4.
- 14 - NOTA : Os cálculos da RENDA para cada micronúcleo foram baseados na Receita Total do Município do Rio de Janeiro para 1986 e transformados em dólares americanos de 1986. Estes dados foram retirados da referência (11), que indica para 1986 como principal fonte de renda do Município o Imposto de Circulação de Mercadorias (ICM), representando 70% da Renda gerada e a receita industrial como responsável por 12% do total. Os baixos índices de renda da população economicamente ativa encontrado para os três micronúcleos parece confirmar, pois a mesma fonte indica que 90% da PEA do município recebe até cinco salários mínimos. Recentes Relatórios do Banco Mundial indicados em (12) e (13) indicam, também, o Município do Rio de Janeiro como sendo o de maior concentração de brasileiros que vivem em estado de pobreza absoluta.
- 15 - SAIDON, o. e KAMKHAGI (Org.) - Análise Institucional no Brasil - Favela, Hospício, Escola e Fuanaben, Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, 1987.
- 16 - Para uma conceituação de todos os itens comentados referir-se ao Anexo 4 (Questionário).
- 17 - Consultados: O Novo Dicionário de Aurélio Buarque de Holanda, a 289 edição do Dicionário de Sinônimos e Antônimos de Francisco Fernandes, o Grande Dicionário de Sinônimos e Antônimos de Osmar Barbosa e o Dicionário de Idéias Semelhantes de Everton F10renzano, todos indicam como sinônimos os conceitos: Informação, Comunicação, Conhecimento.
- 18 - QUINTANA, M. - Preparativos de Viagem-Antologia Pessoal Rio de Janeiro, Globo, 1987. (Saúde pp. 105 e as Bibliotecas, pp. 129).
- 19 - Trabalhou-se com uma população projetada de seis milhões de habitantes para a cidade do Rio de Janeiro em 1990. 20 - Utilizamos os dados projetados da referência (11).
- 21 - WITTGENSTEIN, L. - Fichas (ZETTEL), Lisboa, Edições 1981 (anotação 717).

Esta pesquisa contou com o auxílio do CNPq para a sua elaboração, através do Processo NQ 405506-88.0, e de bolsistas de Iniciação Científica e Aperfeiçoamento, também do CNPq.

A pesquisa contou com a colaboração da equipe abaixo indicada:

- KATIA DE CARVALHO E SILVA – Pesquisadora associada - Professora da ECO/UFRJ.

Bolsistas do CNPq (no período de 03/89 a 02/90):

- Ana Cláudia Dias
- Ana Paula B. Vieira
- Gilvan Luis de Souza
- Isabela Silva Quintella
- Marcelo Paulo Silva
- Marcia Regina Azavedo
- Simone Candida de Lima
- Anne Sigrid Renteira
- Eliete Alves Marins
- Heloisa Maria Vampé
- Jaqueline P. Panaro